

*O meu coração desce as escadas
do tempo em que não moras.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Para que o tempo não me faça esquecer-te.

PREFÁCIO

O que estão prestes a ler não é só mais um livro. Não são apenas meras palavras, cuidadosas e rigorosamente entrançadas de forma que revelem estados de alma, nem meras representações da condição apática, melancólica, nostálgica ou niilista com que tão comumente se pintam os poetas, apesar de o poder, também, ser.

O que se segue é, em bom abono da verdade, uma disposição compulsória benigna, *quasi* autista, de se olhar o mundo como se fosse sempre a primeira vez. Este empreendimento, esta visão permeável à beleza e ao sofrimento de tudo o que nos rodeia, resulta, quase sempre, na mesma conclusão: é a dor, toda a dor, principalmente a que advém da interiorização da finitude, a força motriz que nos acorda todos os dias de manhã e nos faz batalhar uma guerra que sabemos à partida perdida contra um inimigo invisível, inaliável, incompreensível e inexplicável — o Tempo.

Foi com tenra idade que ganhei consciência do estado cíclico da existência que me permeava, e, desde então até hoje, sou perseguido por um sonho tão vívido que me julgo numa letargia constante e consciente. *É um abismo que me assoma a alma, uma dor vertical, aguda e paralisante, como se toda a felicidade do mundo me fosse tomada à força.*

Não me lembro da sua origem e acreditem que venho debatendo, de mim comigo, sobre a mesma há já largos anos.

Desencadeia em mim uma reação visceral de urgência que, conseguisse eu engarrafá-la, substituiria a necessidade do café pela manhã. É um sentimento agudo, como se estivesse à beira de um precipício onde o presente é a queda interminável que resulta de um passo consciente em frente.

Sou de repente encarado pela minha própria morte como um amigo distante de infância que se fez revisor da CP e aguarda sentado na paragem de um pequeno apeadeiro, na ânsia deste comboio regional que é a minha vida, para começar o seu dia de trabalho. Quando entra, torno-me passageiro do meu próprio comboio, classe económica. Ele é-me varrido das mãos, perco-lhe as rédeas e ele foge-me como se eu não o tivesse nutrido nem cuidado desde o início da viagem. Sentado agora na carruagem a ver a minha vida escorregar e envelhecer pelas janelas, vejo o revisor, o meu amigo, a morte a aproximar-se. Não tenho bilhete porque era o maquinista. Não tenho com que pagar a coima a não ser com a vida.

Para um comboio regional, a minha vida corre depressa de mais lá fora. Não consigo já sequer discernir as várias imagens que se alongam como num quadro esborratado ao vento. Uma tentativa impressionista de uma vida passageira.

O revisor chega. Assoma-me um medo absurdo. Digo que não tenho bilhete, era eu quem estava a manobrar o comboio. Ele sorri, diz que compreende e pede-me para sair na próxima paragem. Digo-lhe que estou longe ainda do meu destino, a minha paragem é a última. Tenho gente à minha espera. Ele sorri de novo. O comboio detém-se. Há uma névoa que o envolve. As imagens arrastadas na tela de vidro dão lugar a

um branco sereno. «É esta a última paragem, não te preocupes, estão todos aqui.»

Eu saio, não está ninguém. Sinto um aperto no peito. O medo volta a assolar-me. A solidão do desconhecido é mais dolorosa do que o ocaso da vida. Cerro os olhos e acordo.

Tenho-me permitido acreditar que existe significado e propósito para lá do individual e egoístico, tenho-me permitido ter fé no futuro independentemente das amarras que o passado impõe e dos constrangimentos levantados pelo presente. Mas não sou ingénuo relativamente ao meu papel no tempo emprestado com que vivo.

Não sou pessimista, mas se a dor me ensinou algo, foi que existe pouco mais na condição humana do que o sofrimento e, especialmente, o sofrimento causado pela efemeridade do tempo — ou, mais concretamente, pela sua passagem, porque o Tempo mantém-se, ainda que nós não.

Somos felizes quando sofremos. Sabemos o que é a felicidade porque — e apenas porque — conhecemos o seu contrário a todas as horas, porque estamos sempre a navegar por ele, constantemente na travessia da sua passagem, como uma caravela num oceano infindável, sem velas, nem mastro, nem capitão, a caminho de uma terra desconhecida da qual só ouvimos falar em histórias e em sonhos. E é esta compulsividade sôfrega, esta temporalidade do espaço e do tempo, que simbioticamente impele, norteia e governa o poeta, todo e qualquer poeta, como se escrever e sofrer fossem sinónimos de um crime para o qual ele nasce sabendo ser culpado, vive sendo culpado e morre pela culpa.

Se o sofrimento fosse uma prisão, a poesia seria a pena capital, e é exatamente esta dor — o sofrimento — a condição capital da poesia. O poeta é a vítima e o carrasco.

O conhecimento de nos sabermos finitos, incapazes de sobreviver ao Futuro e ainda inaptos à cavalgada numa viagem ao Passado, torna-nos jogadores de apostas numa corrida em que os cavalos não têm cavaleiro.

Não é ao acaso que é o Tempo que está no centro de todas as ciências, principalmente das que lidam com a condição psíquica. É no Tempo que reside a condição da Psicologia e da Psicoterapia. Não houvesse Passado nem ambição de Futuro, não haveria angústia pelo que devia e podia ter sido, nem agonia pelo que não sabemos daquilo que será. É o Tempo a maior virtude da Justiça e da Medicina: ora se lho dá, num julgamento em que se é tido como culpado, ora se lho tira, numa doença repentina que nos faz sonhar entre lágrimas como seria ter mais tempo.

O Tempo, a moeda de troca para a qual não há banco nem garantia de empréstimo, e os depósitos vêm a prazo.

O fenómeno invisível que nos assoma e controla, que nos atrai e repele, que nos dita sentenças e as distribui — é a esta condição que procuro dar resposta: à fome incessante do Tempo de si próprio.

*«Somos deveras
meras quimeras
coveiros das eras
do tempo.»*

Querida Avó

Sr. Carteiro, quero enviar uma carta ao céu.

Começa assim: «Querida avó,»...

Viver tem destas coisas, não escolhemos onde nascemos. Que pais temos. Que avós nos banham pela primeira vez.

Não escolhemos as primeiras paixões e Freud diz-nos que o primeiro amor de um homem foi quem o trouxe ao mundo. Mas o meu primeiro amor foste tu, avó. Crescer tem disto — aprendemos a ver como mortais aqueles que sempre foram maiores do que a vida. E tu foste a vida inteira.

Um dia perguntei ao avô qual havia sido o seu maior arrependimento. Disse-me que desejava não ter sido «tão vadio».

Quem me dera que tivesses sido amada como eu te amei. Guardo estas palavras e vídeos pois são a única forma que tenho de te manter junto de mim. A minha memória e o tempo, tal e qual a rebentação das ondas, acabarão por limpar as pegadas na praia onde brincávamos juntos, minha avó. Esquecer-me-ei da tua voz.

Dos teus olhos. Do teu toque. Do teu sorriso.
Nem mesmo estas palavras que te escrevi serão
capazes de te manter junto de mim, como eu
queria, para sempre.

Disseste em tempos que eu era uma alma velha,
lembras-te?

«Não pareces um jovem de hoje.»

E não sou, avó. Fiquei no ontem, onde ainda te tinha.
O presente é-me irremediável. Sempre soube que
o meu maior inimigo seria o Tempo e a hora que
ele decidisse levar-te para longe de mim. Hoje
vagueio o mundo sem tempo e estou aqui
a escrever-te uma carta que nunca lerás,
endereçada a um sítio que nem sequer sei bem se
existe, mas que, a existir, é onde decerto estarás.

No último poema que te escrevi, disse:

«O Tempo é apenas poema
escrito pela solidão da terra
onde já não habitas.»

Tenho... saudades tuas.

Crescer tem destas coisas. E eu que só queria
voltar a ser a criança que fui... nos teus braços.